

Quando
o verão me
trouxe
flores

THAÍS OLIVEIRA

Quando
o verão me
trouxe
flores

The text is written in a large, flowing, handwritten-style cursive font. It is surrounded by several line-art illustrations of daisies. One daisy is positioned above the word 'Quando', another to the left of 'o verão', and a third to the left of 'trouxe'. A large, detailed bouquet of several daisies tied together with a ribbon is located to the right of the word 'flores'. A small bow is drawn below the word 'flores'.

mundocristão

Copyright © 2025 por Thaís Oliveira

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Cip-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O52q

Oliveira, Thaís
Quando o verão me trouxe flores / Thaís Oliveira. - 1. ed. -
São Paulo : Mundo Cristão, 2025.
424 p.

ISBN 978-65-5988-482-7

1. Ficção cristã. 2. Ficção brasileira. I. Título.

25-98648.0

CDD: B869.3
CDU: 82-31(81)



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Edição

Camila Lima
Daniel Faria

Revisão

Ana Luiza Ferreira

Produção

Felipe Marques

Diagramação

Gabrielli Casseta

Ilustração de capa

Ana Bizuti

Montagem de capa

Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Literatura

1ª edição: agosto de 2025

Para toda garota que já se viu presa em uma
tempestade que parecia não ter fim.
Que este livro possa lembrá-la de que, depois
da chuva, vêm as flores.

*Então, eu fiz uma oração desesperada
Deus, por que o Senhor está me mantendo aqui?
Foi então que Ele me disse
Filha, estou plantando sementes
Porque sou um bom Deus e tenho um bom plano
Portanto, confie que estou segurando um regador
E um dia você verá
Que flores crescem no vale*

Samantha Eberth, “Flowers”



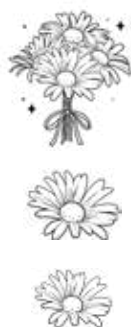
Quando
o verão me
trouxe
flores.



Verão

“Só Lúcia soube que ao revoltear em torno do mastro o albatroz murmurara: ‘Coragem, querida!’. Era a voz de Aslam, e o seu hálito suave roçou-lhe a face.”

C. S. Lewis, *A viagem do peregrino da alvorada*



1

— Se a tevê queimar, você vai ficar sem.

A cabeça do meu pai na porta, com as sobrancelhas cor de areia se encontrando para uma bronca, interrompeu o movimento da minha mão sobre o controle, que aumentava o volume do aparelho. A água que escorria pela porta da sacada e o vento que uivava pelas frestas tornavam uma missão impossível escutar Sandra Bullock mentindo sobre ser a noiva de um cara que ela via todas as manhãs em um metrô em *Enquanto você dormia* — um dos meus clássicos de Natal favoritos.

— Essa não é a melhor época do ano para bancar o Scrooge, pai. Não tem medo de fantasmas?

Meu general me repreendeu balançando a cabeça de um jeito nada sutil.

— Por que você não desce? Vamos começar mais uma partida de Jenga. É engraçado ver o Paçoca tentar roubar as peças.

— Daqui a pouco eu vou.

Fui uma filha obediente e desliguei a tevê.

— Você ainda tem aquela versão infantil do *Um conto de Natal*, não é?

Meu pai entrou no quarto e caminhou até a estante, onde livros e CDs lutavam por espaço nas prateleiras abarrotadas.

— Dá uma olhada no primeiro nicho. Os infantis foram para lá na última limpeza.

De costas para mim, ele se abaixou resmungando pelos joelhos da meia-idade, que estalavam mais do que casa velha, e sua mão correu a prateleira.

— Quando é que foi mesmo essa limpeza, *sweetheart*?

— Pai!

Depois de encontrar o livro, ele se ergueu e se virou. Era divertido vê-lo com os cabelos ondulados bagunçados de quem lutava com bastante empenho e competitividade para tirar da pilha as peças de madeira do Jenga sem destruir tudo, e com a camisa havaiana *suuuper* brega (um presente de Natal da tia Jenn).

— Talvez eu conte a história mais tarde. O que acha?

— Não acha que estou grandinha demais para isso?

— Nunca será grandinha o suficiente. — Ele bateu a lombada do livro em capa dura contra a palma da mão como se tentasse se lembrar de alguma coisa. — Ah! Sua mãe pediu que eu te dissesse: nada de tocar violão, ficar descalça ou mexer no celular.

Arregalei os olhos.

— O que vou fazer, então?

— Descer. Calçada, de preferência.

A ponta de um dos meus pôsteres achou que aquele era o momento apropriado para se soltar e quicar contra a parede algumas vezes — resultado do combo umidade + frestas da porta da sacada.

Por que eu ainda não os tinha tirado dali? Eram um lembrete constante de como o ano seguinte seria completamente diferente do que eu havia planejado.

— Vou só tirar os pôsteres.

— Agora? Não pode deixar isso para depois?

— Já passou da hora, *dad*.

— Tem certeza?

— Vai ser mais fácil seguir em frente sem eles ficarem me lembrando do que eu perdi. — Não consegui disfarçar o tom de lamento.

— *You didn't lose it*, Mabel. Só adiamos, lembra? Não fique descalça nem use tesoura. — Ele ergueu o dedo e o balançou.

— Por que eu usaria tesoura? — Encarei-o com o nariz retorcido em uma careta que não devia estar nada bonita.

— *I don't know*. Sua mãe fala tanto de tesoura quando troveja.

— Aff! Detesto tempestade.

— Te espero lá embaixo — disse ele e, em seguida, sumiu no corredor.

A chuva caiu com mais força sobre as telhas. Me levantei da cama, calcei as Havaianas e me aproximei da sacada apertando os olhos. O velho pé de ipê no quintal travava uma verdadeira batalha contra o vento. Era uma noite apropriada para guardar aqueles vestígios no baú, não era? Parecia dramática o suficiente.

Girei pelo quarto registrando cada detalhe. Em alguns minutos, ele não seria mais o mesmo.

Meus dedos não demoraram a deslizar pela silhueta da Estátua da Liberdade banhada por um pôr do sol em tom pastel. Um ano antes, eu tinha certeza de que passaria esse Natal arrumando malas. Não demoraria a estar com um gorro fofo e um copo da Starbucks nas mãos enluvadas, pronta para esquadrinhar as ruas de Nova York. Mas ali estava eu: tirando os últimos rastros daquele sonho das paredes.

À medida que meus olhos ficavam tão úmidos quanto a terra lá fora, o tom azul-bebê das paredes dançou como se eu estivesse vendo alguma miragem no deserto. Soltei o ar pela boca e balancei a cabeça, disposta a afastar aquelas lágrimas. Meu coque frouxo e bagunçado cedeu.

Meu quarto parecia vazio sem os pôsteres. Eles estavam ali havia tanto tempo! O papel em minhas mãos já estava áspero e amarelado, e as bordinhas começavam a rasgar. Ainda me lembrava de como eu havia entrado no quarto como um furacão com ele em mãos. Tinha sido apenas alguns dias depois de meu pai me prometer um intercâmbio para os Estados Unidos se eu andasse na linha. Agora, parte da parede estava agarrada no papel, e um retângulo azulado me encarava, deixando claro que estava na hora de retocar a tinta ou escolher outra cor.

Me sentei na cama. As lágrimas escapuliram, quentes e pesadas, repousando no papel envelhecido pelo sol e pela maresia. Pensei que eu já tinha superado isso, que não fosse doer tanto guardar aquele sonho no baú. Mas doía, sim. Confiar ao Senhor um sonho que moldara tanto os meus dias não era uma tarefa simples. Exigia mais força e renúncia do que eu tinha imaginado. Custava muito mais.

Funguei e com o dorso da mão limpei as bochechas.

— Buuu!

Levei a mão ao peito e respirei fundo. Minha reação roubou uma risada de Alice. Uma risada doce, daquelas que faziam seus ombros chacoalharem. Ela fez uma dancinha, mas, ao chegar mais perto, seu sorriso vacilou.

— El, você tá chorando?

— São só esses pôsteres velhos e cheios de poeira. Quer me ajudar a guardar no baú? — Forcei um sorriso. Minha irmã me olhou um pouco mais. — Hein?

Cutuquei sua barriga. A cosquinha fez com que ela voltasse a rir.

As gêmeas morriam de curiosidade quanto ao baú. Eu já as tinha encontrado xeretando debaixo da cama várias vezes. Era por

isso que havia comprado um cadeado, para manter alguns dos meus segredos só para mim.

Repeti a pergunta. Alice deu um saltinho e, sem esconder o sorriso, me ajudou a dobrar os papéis. Ela se sentou ao meu lado no chão com os olhos arregalados de expectativa. Só conseguimos guardar os pôsteres depois que a deixei ver algumas fotos e lembrancinhas.

Alguns latidos do Paçoca e sons de risadas fizeram Alice desviar os olhos da caixa de madeira. Aproveitei para fechar o cadeado.

— O Paçoca carregou várias peças do Jenga, sabia? — disse ela entre risadinhas. — Acho que o papai ainda tá correndo atrás dele. Você tem que ver!

Segui a recomendação de Alice e deixamos o quarto de mãos dadas. Ainda da escada, vi meu pai correr pela sala e colidir no sofá, na mesinha de centro e na árvore de Natal enquanto pedia ao cachorro em inglês que devolvesse as peças roubadas. A correria durou mais alguns minutos e custou muito a papai. Quando ele se jogou todo suado na poltrona, tinha dificuldade para respirar. À medida que ele se recuperava para ler a história, fiquei responsável por fazer minhas pipocas com M&Ms.



Deitada no sofá, de olhos fechados, prestei atenção na voz do meu pai, que narrava a história do velho e rabugento Ebenezer Scrooge, misturando-se com o barulho cada vez mais feroz da tempestade.

Um celular tocou, interrompendo a história.

— Nada de celular, papai. É perigoso.

A advertência de Anna o fez se voltar para o livro, mas quem estava do outro lado do aparelho era insistente. Papai pediu desculpas e se levantou. Ficamos em silêncio enquanto ele atendia. Era o vigia que ficava no Tritão à noite.

— Não se preocupe, Gil — meu pai disse, mas seu próprio tom era apreensivo.

Abri os olhos e me apoiei sobre os cotovelos.

— Já estou indo. Vamos dar um jeito. — Papai desligou.

Minha mãe se levantou na outra ponta do sofá e perguntou:

— Ir aonde?

— Gil viu pelas câmeras que a janela do meu escritório quebrou. Ele ainda não sabe se foi alguma coisa que colidiu ou se o vidro só estourou. Preciso ir até lá. Minha mesa está cheia. Tem documentos, projetos, o computador...

Papai passou a mão pelo rosto, a preocupação se instalando.

— Como você vai conseguir dirigir debaixo dessa chuva, Richard? É perigoso. Está ventando demais. — Mamãe gesticulou em direção à janela.

— É, pai. O mundo está acabando — eu disse.

Meu pai coçou a barba. Os olhos angustiados tentaram enxergar algo além da chuva, que serpenteava a janela apesar dos dois metros de varanda que separavam a parede da sala do quintal.

— Preciso tentar. Não posso pedir para o Gil dar conta disso sozinho.

Me coloquei de pé.

— Então eu vou com você.

— *What? Of course not.*

2

Meu pai dirigia devagar. O peitoral quase grudava no volante, e os olhos lutavam para enxergar alguma coisa lá fora. Apesar de os para-brisas trabalharem a todo instante, eles não davam conta. Mal levavam uma remessa de água embora, outra chegava e cobria tudo. Ir pela beira-mar teria sido bem mais rápido, mas talvez meu pai temesse que as ondas estivessem alcançando a pista. Só o barulho delas já era terrível. Deixamos o Enseada da Sereia e serpenteamos alguns bairros e condomínios.

Papai se mantinha quieto, em um silêncio que me repreendia por ter desobedecido à sua ordem. Mas o que eu poderia ter feito? Ao vê-lo pegar a chave e caminhar até a porta, meu coração se apertara e encolhera. Uma urgência de me manter perto dele me fizera agir rápido. Eu havia ignorado sua tempestuosa sentença de que deveria ficar em casa e tinha ficado parada ao lado da porta do carona, as gotas gordas me encharcando. Me recusara a voltar quando ele mandara. Ao clarear do céu com uma nova onda de trovões, ele acabou cedendo.

Tentei ser discreta ao me abraçar e mordi o lábio para impedir qualquer sinal de tremor. Mesmo assim, meu pai viu. Ainda de olho na estrada, ele esticou a mão e ligou o aquecedor. O ar quente me envolveu. Copiar a sua postura e manter os olhos na estrada foi o modo que encontrei de retribuir o gesto.

Deixamos mais um bairro.

Depois outro.

Algo brilhante surgiu no céu. Pisquei duas vezes para ter certeza de que não estava vendo coisa. Voava na nossa direção? *Não. Não é possível.*

Bem... é, sim.

— P-pai? — Minha voz não passou de um cochicho. Falho. Fraco. — O que é aquilo?

Ele acompanhou meu olhar e rangeu os dentes bem baixinho, depois virou o volante. O barulho da lateral da minha cabeça se chocando contra o vidro foi amenizado pelo som grotesco do metal arranhando o carro. Travei os olhos e me encolhi no banco.

— Foi... Foi por pouco.

Ao som da voz do meu pai, voltei a abrir os olhos.

— Aquilo era...

— Um telhado retorcido. Ainda bem que você viu, El.

Engoli em seco.

— Está tudo bem aí? — meu pai checkou.

— A-aham.

Quando passamos pela praça central, totalmente sem energia, meu pai reduziu ainda mais a velocidade. A luz branca do farol iluminou pedaços de telhado. Uma árvore com as raízes para cima esmagava a Kombi de entregas da padaria do senhor Manoel, com cadeiras e mesas que deviam ter sido arrastadas da orla. Até a decoração de Natal fora lançada pela rua. Pisca-piscas, bolas e guirlandas estavam por toda parte.

Nunca tinha visto Valadares daquele jeito. Parecia ter saído de um daqueles filmes apocalípticos.

Na rua do Tritão, as coisas não estavam muito diferentes. Luzes apagadas, fios soltos, a placa na fachada de um dos prédios partida ao meio.

Deixei escapar um suspiro de alívio e relaxei os ombros doloridos pela tensão. Tínhamos chegado. *Inteiros.*

Meu pai desligou o carro e olhou para mim. Ele esticou o braço, tocou meu ombro e falou em um tom sério:

— Eu teria ficado muito mais tranquilo se você tivesse me obedecido e ficado em casa. Mas, como está aqui, quero que me obedeça lá dentro. Faça tudo o que eu mandar. Está me ouvindo, Mabel?

— Tô.

Parte da imensa janela de vidro do escritório do meu pai estava esparramada diante do prédio. Cacos menores eram arrastados pela chuva. Havíamos saído com tanta pressa que nem tínhamos trocado as Havaianas por um sapato fechado. Papai me tomou pela mão e me ajudou a passar pelos estilhaços. Cruzamos a recepção vazia e subimos as escadas.

— Está com o celular aí? — perguntou ao alcançarmos o terceiro andar.

Estalei a língua.

— Você e a mamãe me proibiram de mexer nele, lembra? Ótima hora para ser obediente.

Meu pai pescou seu aparelho no bolso e fitou o visor.

— Estamos sem área. Quero que você olhe as outras salas desse andar enquanto ajudo o Gil no escritório, ok? Quer levar o celular?

— Pode ser.

— Qualquer coisa, me chama.

Era estranho caminhar por aquele corredor, iluminado pela lanterna do celular, sem o *tec-tec* do teclado de Serena, os passos apressados do Sebastião ou a voz doce da Sônia cantarolando um louvor enquanto fazia a limpeza. O único som vinha da sala do meu pai, o zumbido bravia do vento. O Tritão não pulsava bombeando vida e informação como poucas horas antes.

Notei pela primeira vez como meu coração apostava uma corrida. Sorvi o ar e disse a mim mesma que tudo ficaria bem.

O pior havia passado. Depois que meu pai e Gil dessem um jeito no escritório, poderíamos esperar a chuva cessar e voltar para casa. Meu pai retomaria a história de Natal de onde tinha parado.

Entrei na sala de reuniões no fim do corredor e dei um giro de trezentos e sessenta graus. Em uma das janelas, a água havia encontrado um caminho entre o vidro e o peitoril, e uma poça se formava no chão. Não demoraria a ficar enorme. Deixei a sala para pegar alguns panos de chão, mas um estalo me fez olhar para trás. Analisei o cômodo mais uma vez à luz da lanterna. Não havia nada de errado.

Fui até o escritório na outra ponta do corredor. A água que entrava sem controle pela janela e fugia pela porta molhou meus pés. Gil e papai tinham desocupado a mesa e afastavam um armário de madeira de perto da janela. Cumprimentei o senhor Gil.

— Encontrou alguma coisa, filha?

— Só uma água vazando na sala de reuniões, pai. Deve ser algum vão entre a pedra e o vidro. Vou pegar alguns panos de chão para conter a poça.

— Você deve encontrar naquele armário da Sônia no andar da redação, Mabel — Gil disse.

— É, mais cedo eu a ouvi guardando. Obrigada.

— Acabando aqui, Gil e eu vamos lá dar uma olhada.

No andar de baixo, abri a porta estreita entre a pequena copa e o banheiro feminino. Sônia tinha deixado uma pilha de panos bem dobrados em uma das prateleiras. Por via das dúvidas, peguei todos eles.

O que eu precisava para convencer minha mãe a fazer um chocolate quente quando chegássemos em casa? Senti o gostinho da bebida à medida que subia os lances da escada, mas ele foi embora tão rápido quanto havia chegado.

Primeiro, eu ouvi o barulho, cinquenta vezes pior do que o ruído grotesco feito por aquele telhado em atrito com o nosso carro. Depois, o chão sob os meus pés tremeu. Larguei os panos e segurei o corrimão.

Por um instante, pensei que o Tritão fosse ruir.

Um frio desceu por minha espinha. Eu sabia que precisava me mexer. Tinha que subir os últimos degraus e encontrar meu pai, só que não conseguia me mover. Ao mesmo tempo que o frio se espalhava por meu corpo, minha mente projetava os piores cenários. Deixei o ar escapar por entre meus lábios devagar e ergui um pé, depois outro.

Uma nuvem densa e escura de poeira escapava da sala no fim do corredor.

Meu pai e Gil não estão lá. Eles estão no escritório. Está tudo bem.

— Pai? — o grito soou desengonçado, incapaz de ocultar meu medo.

Ele não respondeu.

Não.

Não.

Não.